

entendido que é unicamente para esta primeira doninha do Pará, aqui descripta.

A execução stricta das regras de prioridade ameaça aqui transformar-se n'um absurdo evidente, desde o momento em que se tornou conhecida uma genuina doninha originaria do Brazil, emquanto que o exemplar original de Petersburgo da *P. brasiliensis* do anno de 1813, nem sequer eventualmente, veio da terra de que tirou o nome.

Pará, março 1897.

II

*Caribe*  
Sobre a Nidificação do *Cassicus persicus* (Japim), da *Cassidix oryzivora* (Graúna), do *Gymnomystax melanicterus* (Aritauá) e do *Todirostrum maculatum* (Ferreirinho).<sup>1</sup>

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI C. M. Z. S.<sup>2</sup>

DIRECTOR DO MUSEU DO PARÁ

I. *Cassicus persicus* e *Cassidix oryzivora*.

Os ninhos da maior parte das aves brasileiras não são, de modo algum, faceis de achar, e os viajantes que não dedicarem muito tempo a este proposito verão geralmente muito pouco dos seus habitos de postura. Ha comtudo excepções e uma d'ellas é a do *Cassicus persicus*. Elle é sem duvida o Cassique mais predominante na baixa Amazonia e na Guyana; colonias d'elles, constando de um maior ou menor numero de ninhos pendentos, balouçando nas extremidades dos ramos das arvores, veem-se por toda a parte, e ferem sempre a vista do mais despreoccupado *touriste* de bordo dos vapores do Amazonas. Aqui, no Pará, o *Cassicus persicus* é um frequen-

<sup>1</sup> Extrahido de *The Ibis* de julho de 1897.

<sup>2</sup> [Vide *Ibis* de 1896 pag. 299 para um artigo anterior do Dr. Goeldi sobre um assumpto semelhante, e notae que a nota editorial ao fundo da pagina no começo do artigo deve referir-se a Koenig-Warthausen no J. f. O. 1868, e não ás excellentes notas do Dr. Goeldi.—Edd].

tador diario de todos os grandes jardins e, embora o suburbio de Nazareth esteja hoje muito mais densamente habitado do que quando Wallace escreveu o seu interessantissimo livro, eu sei de uma colonia de «Japiins» com uma duzia de ninhos n'uma arvore alta, perto de duas das mais frequentadas ruas d'este arrabalde e apenas a uns sessenta passos de distancia do nosso Museu.

Os ninhos em forma de sacco do *Cassicus persicus* são, comparados com os do *Ostinops decumanos*, mais curtos e mais cylindricos. Os dous specimens que eu trouxe do Amapá, em 1895, têm apenas o comprimento de 40 a 42<sup>cm</sup>, e a largura de 12<sup>cm</sup> na parte superior, e 15 na inferior. A abertura tem a forma de estribo, e está situada no alto: mede 15<sup>cm</sup> de comprimento por uns 10<sup>cm</sup> de largura.

O material d'estes ninhos em fórma de saccos consiste exclusivamente em fibras seccas das folhas da palmeira-assahy (*Euterpe oleracea*), que são tecidas pela ave n'uma trama de muita resistencia, de modo a ser quasi impossivel rasgal-o.

E' de todos conhecido aqui o facto de serem as folhas de assahy o material usualmente empregado na Amazonia. Isto torna-se especialmente interessante para os naturalistas que se lembrarem de que o habitat do *Cassicus persicus* se estende para o sul até á Bahia, isto é, até uma região onde não ha a palmeira-assahy.

Sabemos, pela descripção fornecida pelo principe Max. de Wied-Neuwied (Beitr. III p. 1239), que o material empregado por esta ave na zona costeira da Bahia consiste em fios de *Tillandsia* («Barba de velho»), e em semelhantes fibras da *Bromelia*. Isto concorda inteiramente com as minhas observações no Brazil meridional sobre o *Ostinops decumanus* e o *Cassicus hæmorrhous*. As fibras da *Tillandsia* são mais macias e de uma côr pardacenta emquanto que as das folhas de assahy são mais rigidas e côr de palha; de tal modo que os ninhos de *Cassicus* de origem desconhecida podem certamente revelar pelos seus materiaes se vieram do Norte ou do Sul do Brazil. A vida e o crescimento d'estas fibras de *Tillandsia* nem sempre são interrompidos pelo seu emprego nos ninhos: vi muitas vezes exemplos d'estas Bromelias crescendo em taes circumstancias.

O principe de Wied não obteve ovos de *Cassicus persicus*. Se elles foram apanhados mais recentemente, não posso eu dizel-o com as obras de que disponho. Esses ovos são de um amarello-avermelhado muito pallido, cobertos quasi regularmente de signaes e pontos de tinta-neutra clara, em duas

camadas de differente intensidade. As dimensões de dois ovos da Guyana são:—1) grande eixo 25,5<sup>mm</sup>, eixo transv. 19<sup>mm</sup>; 2) grande eixo 27,5<sup>mm</sup>, transv. 18<sup>mm</sup>.

Em uma carta datada de 12 de setembro de 1896, o Dr. Sclater diz-me:—«Fomos recentemente informados de que o *Cassidix oryzivora* é parasita do *Cassicus persicus*—como o *Molothrus*. Sabeis qualquer coisa a este respeito?» Ora, de facto sei alguma coisa d'este assumpto, e até publiquei ha alguns annos algumas observações sobre elle. <sup>1</sup>

E' mui sabido no Sul do Brazil que o *Molothrus bonariensis* põe os seus ovos nos ninhos das outras aves, especialmente nos do *Zonotrichia pileata*. O *Cassidix oryzivora*, seu parente mais corpulento, põe os ovos nos ninhos das aves de proporções semelhantes ás suas, especialmente nos do *Ostinops decumanus*, e provavelmente tambem nos do *Cassicus hœmorrhous*. A respeito do *Ostinops* não ha absolutamente duvida alguma; eu mesmo o verifiquei, e na minha collecção de aves da Serra dos Orgãos (Rio de Janeiro) estão specimens de ovos de *Cassidix* tirados por minhas proprias mãos de ninhos de *Ostinops*. Vi os ovos de ambos juntos n'um mesmo ninho, e muitas vezes criarem-se filhotes de *Cassidix* ao lado dos seus irmãos de cauda amarella. O pequeno *Molothrus* tem, entre outros, o nome popular de «Parasita»; o *Cassidix oryzivora* é chamado «Melro» no Rio de Janeiro, e no Norte do Brazil «Graúna» (abreviação das palavras Tupys «guí-ra úna»—passaro negro). <sup>2</sup>

Quando cheguei ao Pará, fiquei surprehendido por ouvir de muitas pessoas que a «Graúna» tem o costume de pôr os ovos no ninho do «Japiim» (*Cassicus persicus*). Tive assim uma interessante confirmação das minhas proprias observações no Rio de Janeiro, e cheguei á conclusão de que o *Cassidix oryzivora* é parasita em toda a parte, escolhendo para os seus ovos no Norte e no Sul do Brazil os ninhos das respectivas espécies de *Cassicus* que tem um volume correspondente ao seu. O *Cassidix oryzivora* é assim um exemplo notavel da adaptação de uma ave com habitos de cuco ás differentes variações locais da fauna; estabelece um frisanter paralelo com o *Cassicus persicus*, que muda o material do

<sup>1</sup> No meu pequeno livro «Aves do Brazil», Rio de Janeiro, escripto em 1892 e publicado em 1894.

<sup>2</sup> Todo o cuidado é pouco a respeito dos nomes populares. O mesmo nome—«Graúna» por exemplo—é usado no Brazil meridional para o *Aphobus-chopi*, e na Ilha de Marajó para o *Amblycercus solitarius*.

ninho de accordo com a diversidade das plantas em diferentes latitudes.<sup>1</sup>

Posso ajuntar que o *Cassicus persicus* fazia a postura quando estivemos em Counany, entre 11 e 26 de outubro de 1895, e que a eclosão se fez durante a nossa residencia em Amapá, desde 26 de outubro até 11 de novembro. A postura da Guyana meridional coincide com a do Pará. Sabemos pelo Principe de Wied (ob. cit. p. 1240), que elle viu, em geral, pelos fins de dezembro, filhotes nos ninhos que encontrou no Rio Belmonte, na Bahia. Uma pequena antecedencia na epocha das posturas nas regiões septentrionaes, comparada com a dos estados meridionaes do Brazil, parece-me ser um phenomeno que em geral prevalece, e do qual tenho numerosos exemplos.

## 2. *Gymnomystax melanicterus*.

O esplendido Icterideo, preto e amarello como o Oriolo, *Gymnomystax melanicterus*, chamado «Aritauá» aqui na baixa Amazonia, é um ornamento real da região dos campos de Marajó e da Guyana meridional, onde estes districtos são cortados de rios. Campos humidos e praias lodosas, alternadamente cobertos e descobertos pelas marés, eis o sitio favorito d'esta ave interessante e de encantadora apparencia. Elle é muito confiado e aprecia muito as habitações humanas nidificando regularmente na vizinhança immediata das fazendas. O seu character recorda-me muito mais o dos «Vira-bostas» (*Molothrus*) que o dos Trupials e o dos Cassiques; frequenta

<sup>1</sup> Exactamente como o material usado pelo *Cassicus persicus* nos seus ninhos na Bahia e no sul é differente do que elle emprega no Pará, assim tambem differe o que o *Ostinops decumanus* emprega respectivamente n'estas duas regiões. Eu verifiquei que no Brazil meridional o *Ostinops* emprega exclusivamente a «Barba de velho» (*Tillandsia usneoides*) e que estes ninhos são de côr pardacenta. No Amazonas o material de que elle usa, compõe-se: — 1) de uns pellos negros, muito semelhantes a crinas de cavallo, ou raizes longas e delicadas (que analyses botanicas no Museu do Pará demonstraram ser de um lichen muito interessante, mas cuja determinação systematica não se poude verificar ainda); 2) de raizes seccas e molles de certas orchideas de côr amarellada.

Como a proporção d'estas duas substancias é quasi de dois para um, e como um lichen negro semelhante a raizes é o que mais predomina, o aspecto geral d'estes ninhos em forma de sacco no norte do Brazil é o de um tom escuro, contrastando sensivelmente com os ninhos acinzentados tecidos de *Tillandsia* do sul do Brazil.

as fazendas, onde a miúdo se occupa com o estrume do chão, permanecendo alli durante quartos de hora, tal qual o estorninho europeu.

Disseram-me ha pouco tempo que a quantidade d'elles augmenta com o desenvolvimento da criação de gado e a seguem de perto, surgindo em logares onde ainda não tinham sido vistos, como por exemplo no Municipio de Mazagão e no canal septentrional do estuario do Amazonas.

Quando vòta grita *wrég-krég*; quando está de bom humôr ou poisado perto do ninho, emite um canto semelhante a *tíng-tíng-wrég-wrég-gri-gri*; é, em poucas palavras, uma ave que não pôde passar despercebida aos visitantes das fazendas de Marajó, porque se torna conhecida tanto pela apparencia como pela voz.

O Dr. Sclater escreve no vol. XI do «Catalogue of birds in the British Museum» p. 361:— «Este typo notavel tem sido muitas vezes reunido ás Ageleinae. Porém o seu culmen ligeiramente recurvado e o mesorhinio lineiforme justificam segundo julgo, a sua classificação nas Icterineas, com as quaes se assemelham no estylo da plumagem, e tambem, creio eu, nos habitos e no modo de nidificar». Como não encontrei nada publicado sobre a nidificação do *Gymnomystax*, e como o Dr. Sclater teve a bondade de me informar da ausencia de quaesquer observações authenticas a este respeito, eu fiz todos os esforços possiveis para preencher esta lacuna.

Fallando francamente, eu durante muito tempo fui da mesma opinião no tocante á posição correctã do *Gymnomystax*. Fiquei porém um tanto na duvida, quando observei o seu modo de vida semelhante ao do estorninho ou do *Molothrus*; e os resultados das minhas observações nos ultimos dois annos, quanto á nidificação d'esta ave, indicam a posição anomala e mesmo excepcional do *Gymnomystax* no grupo Icterineo.

Possuo dois ninhos do «Aritauá» ambos da ilha de Marajó. O primeiro foi presente de um amigo, e apanhado em dezembro de 1895 nas suas grandes fazendas; o segundo apanhei-o eu proprio durante uma recente viagem á mesma localidade, Cabo Magoary, em agosto e setembro de 1896.

Estes ninhos são abertos e têm a forma de um alguidar, semelhando o de certos tordos, e differindo essencialmente dos saccos do *Ostinops* e do *Cassicus*, taes como eu o conheço, e de outras construcções das Icterineas que se veem estampadas em muitas obras de ornithologia. O seu material consiste de folhas de herva, inteiras ou rasgadas longitudinalmente,

raízes finas e fragmentos de pequenas trepadeiras.<sup>1</sup> Não ha forro macio.

O segundo ninho, que eu proprio apanhei na Fazenda Livramento, estava na bifurcação de um ramo, e bem escondido na folhagem da copa de uma «morcegueira» (*Andira* sp. inc.) a uns 8 ou 10<sup>m</sup> do chão. A arvore não distava mais do que trinta passos dos edificios centraes da referida fazenda, no terreiro e no meio de um continuo vai-vem de homens, cavallos e gado bovino. Comtudo o «Aritauá» é muito prudente na visinhança do seu ninho, e quando se julga observado, não se approxima d'elle facilmente. A descoberta d'este ninho é devida só a uma espera paciente, por algumas horas, n'um canto occulto.

A respeito dos ovos da *Gymnomystax*, fui um tanto infeliz. Os ovos, que me foram enviados conjunctamente com o primeiro ninho, chegaram quebrados, e não pudéram ser medidos. Os fragmentos mostram comtudo uma superficie branco-azulada, com grandes manchas escuras e irregulares; dão-me idéa de alguma semelhança, em menores dimensões, com o ovo figurado por Thienemann como do *Icterus cristatus* (Abbildungen von Vogeleiern, pl. XXXVII fig. 7). O segundo ninho continha no dia da minha chegada a Livramento (28 de agosto) tres filhotes, com que me não importei. Quinze dias depois, quando voltei a este local, achei o ninho vasio e os passaros ausentes.

### 3. *Todirostrum maculatum*.

Parece que desde o Principe Maximiliano de Wied ninguém mais escreveu sobre os habitos da postura de qualquer membro do genero *Todirostrum*, que pertence aos typos menores das *Platyrrhynchinae* sub-familia das *Tyranninae*. O principe escreve (Beitr. III p. 967) a respeito do ninho do *T. poliocephalum*:—«Um tal ninho, que achamos na visinhança do rio Parahyba n'uma alta arvore de *Gamelcira* (*Ficus*)—e que foi-me affirmado ser esta ave o seu architecto—era

<sup>1</sup> As raízes finas com nodulos delicados, que se vêem perfeitamente na photographia, e que representam uma parte importante n'este ninho, são as da interessante planta aquatica, *Marsilia polycarpa*, Hooker et Grev., sendo os nodulos macro-sporangia. A trepadeira empregada em ambos os ninhos é uma das *Cucurbitaceas*. Devo esta informação ao meu collega, Dr. J. Huber, botanico do Museu do Pará.—E. A. G.

construido de lã vegetal, com a forma ellipsoidal, fechado pela parte de cima, e tendo na frente uma abertura muito pequena para a entrada da ave; elle figurará nas *Gravuras* da minha Historia Natural do Brazil». <sup>1</sup>

*O Todirostrum maculatum*—ave vulgar, e hospede diario dos jardins do Pará—é muito conhecido por todos sob o nome trivial de «Ferreirinho». Rara será a hora do dia em que se não ouça o canto caracteristico d'este passarinho, que está sempre bulindo no meio da folhagem sombria das arvores de fructa. O seu canto póde ser imitado por meio das syllabas *tsi-tsiridi-tsiridi-tsi-tsi*, e compara-se ao mesmo tempo com o som produzido, quando se dá corda a um relógio.

Em fevereiro de 1896 descobri um ninho no jardim do nosso Museu, a dez passos apenas de distancia do edificio. Estava perto da extremidade de um pequeno ramo de um pé de abio (*Lucuma caimito*) a uma altura de sete metros pouco mais ou menos, e muito bem escondido, porém collocado mais para o centro do que para o lado de fóra da copa da arvore. O ninho, é construido em forma de sacco, tendo a entrada por um buraco lateral, pequeno e circular, guarnecido de uma tampa protectora. O material consiste essencialmente de fibras de folhas de palmeiras (coqueiro e «inajá») e pedacinhos de palha. Muitas d'estas fibras pendem negligentemente até a uma distancia egual ao comprimento do ninho, que se pode chamar muito grande comparado com a pequenez da ave, certamente um dos typos mais miudos dos Tyrannideos. A parte superior, com a ligação ao ramo, tem a forma de um chifre alongado.

Observando que o «Ferreirinho» estava chocando, resolvi-me a apanhar o ninho e o seu conteudo em 22 de fevereiro. Obtive o macho, a femea e os ovos, dois, que ainda estavam frescos. Os ovos mediam:—1) 16<sup>mm</sup> no grande eixo e 11,1<sup>mm</sup> no transv.; 2) 16,5<sup>mm</sup> no eixo maior e 11,5 no transv. O ponto de intersecção dos dois eixos estava a 6<sup>mm</sup> de distancia do polo chato. A côr do fundo é o branco puro, que toma porém um pallido tom rosado por ter um grande numero de pequenas e delicadas pintas côr de rosa. São miudos e frageis, porém bem proporcionados ás dimensões da graciosa avesinha, genuino Tyranno liliputiano, com uma estria branca.

Julgo que esta era a segunda postura, e que a primeira,

<sup>1</sup> Parece que esta promessa ficou sem cumprimento, porque no meu exemplar das *Gravuras* não ha estampa que se refira ao citado ninho.

correspondente aos mezes de setembro a novembro, escapou provavelmente á minha attenção.

Nunca vi no Pará outra especie do *Todirostrum* senão o *T. maculatum*; achei porém na ilha de Marajó outra que se distingue facilmente por ser inteiramente amarella na parte inferior. Julgo que seja o *Todirostrum cinereum*, figurado por Spix (Av. Brazil. pr. IX fig. 2) sob o nome *Todus melanocephalus*.

Outubro, 1896.

III

*Coruba*  
Sobre a Nidificação do *Nyctibius jamaicensis*, Urutáo e *Sclerurus umbretta*, Vira-folha <sup>1</sup>

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI, C. M. Z. S.

DIRECTOR DO MUSEU DO PARÁ

I. *Nyctibius jamaicensis*.

A historia da vida dos gigantescos Caprimulgos que formam a sub-familia dos Nyctibíneos não está ainda sufficientemente esclarecida. Mesmo em 1892 o Sr. Hartert, escrevendo a parte do utilissimo «Catalogue of Birds in the British Museum» que se refere á familia Caprimulgidae, observou que «muito pouco se sabe a respeito dos seus habitos».

A sub-familia consiste em um unico genero, com seis especies, todas neotropicaes (*Nyctibius bracteatus*, *N. leucopterus*, *N. jamaicensis*, *N. longicaudatus*, *N. aethereus* e *N. grandis*). D'estas seis especies encontrei no Brazil só tres, que são: *Nyctibius jamaicensis* e *N. aethereus* nos estados da costa meridional (Rio de Janeiro), e *N. grandis* na região do Amazonas (Marajó) e nos limites da Guyana (Counany, Amapá). O Sr. Hartert, que eu julgo bem informado sobre todas as publicações ornithologicas, antigas e novas, cita notas

<sup>1</sup> Extrahido de *The Ibis* de julho de 1896.